

## O ROMANCE MODERNO: ENTRE DETRATORES E DEFENSORES

Valéria AUGUSTI

Bolsista DCR CNPq/Sedect/Universidade Federal do Pará

RESUMO: O romance nem sempre foi aceito pelas elites letradas. Na Europa do século XVIII, filósofos, moralistas e beletristas consideravam-no inútil ou mesmo perigoso. Alegavam que na melhor das hipóteses sua leitura era uma perda de tempo e, na pior, um perigo à moral e aos bons costumes. As críticas sofridas pelo gênero tiveram resposta nas vozes de importantes nomes do campo literário europeu, como Madame de Stël e Denis Diderot. Ao contrário de seus detratores, viam no romance um poderoso instrumento de moralização do leitor. A discussão acerca da validade do romance não se restringiu à Europa do setecentos, tendo ecos no Brasil oitocentista. Preocupados em incutir nos leitores um sentimento de pertença à nação, os homens de letras procuraram atribuir uma finalidade nobre ao romance: auxiliar no projeto de construção da nacionalidade. Será, pois, dos debates a respeito da validade do gênero, bem como das finalidades que lhe foram atribuídas no Brasil que versará este artigo.

PALAVRAS-CHAVE: polêmicas literárias; história da literatura; teoria do romance.

RESUMÉ: Le roman n'a pas toujours été acceptée par les « élites lettrées ». En Europe du XVIII<sup>e</sup> siècle, philosophes, moralistes et « gens de lettres » considéraient que sa lecture était une perte de temps et un danger à la morale et aux bons coùtumes. En contrepartie, Madame de Staël et Denis Diderot ont répondu aux critiques faites à ce genre : à l'inverse de leurs détracteurs, ils trouvaient le roman un puissant outil de moralisation du lecteur. Cette discussion à propos de la légitimité du roman ne s'est pas limitée à l'Europe du XVIII<sup>e</sup> siècle, il a en des échos au Brésil du XIX<sup>e</sup> siècle. Soucieux éveiller chez les lecteurs un sentiment d'appartenance au pays, les hommes de lettres ont cherché à attribuer au roman un rôle olus

noble: celui d'aider à la construction de la nationalité. Cet article va traiter, donc, des débats réalisés à propos de la légitimité de ce genre ainsi que des rôles qui leur ont attribués au Brésil.

### 1 O ROMANCE: ENTRE DETRATORES E DEFENSORES

O romance nem sempre foi um gênero bem visto pelas elites letradas. Quando surgiu<sup>1</sup>, na Europa do século XVIII, desconfiava-se que pudesse surtir efeitos perniciosos sobre os leitores em geral e sobre as mulheres em particular. Rapidamente, homens de letras, filósofos e moralistas se puseram a discutir os perigos que poderiam resultar de sua leitura.

Os primeiros, representados sobretudo pelas autoridades religiosas, utilizavam os mais diversos argumentos no sentido de denunciar o perigo representado pela leitura de romances. Conforme acreditavam, o gênero podia desencaminhar os jovens e, particularmente, as mulheres, criando nelas expectativas fantasiosas sobre a vida, inspiradas nas aventuras dos personagens e nas soluções que estes davam a seus problemas. (HUNTER, 1996, p. 21)

Para os filósofos, o romance estava associado a um tipo de leitura considerada indesejável. Sentimental e “narcótica”, afirmavam, ela desviava o leitor dos assuntos “úteis”, capazes de promover a emancipação do homem, que deveria ocorrer por meio do contato racional e disciplinado com certos tipos de textos. Em lugar de ler para informar-se e formar-se, acreditavam, o público leitor de romances lia para se divertir e para passar o tempo, o que lhes parecia condenável. (WITMANN, 1999, p. 151; ABREU, 2003, p. 200)

Aos beletristas incomodava, por sua vez, o desrespeito do romance às regras de composição dos gêneros tradicionais. A

---

<sup>1</sup> Estamos nos referindo ao romance moderno, tal qual o caracteriza Ian Watt em *A ascensão do romance*.

introdução de assuntos e histórias familiares aos leitores parecia-lhes um problema, pois desrespeitava as preceptivas da arte poética, que propunham enredos elaborados a partir da mitologia ou da história, não cabendo, portanto, transpor para os textos ficcionais acontecimentos que diziam respeito à realidade mais próxima. (CANDIDO, 1989, p. 76)

As preocupações dessas parcelas da elite letrada com relação ao romance pareciam ter fundamento, pois o desempenho do mercado editorial europeu em fins do século XVIII, representado por feiras de livros como a de Leipzig, indicava que os exemplares de obras literárias em geral e de romances em particular começavam a dividir espaço com as obras teológicas, que desde a Reforma haviam desempenhado papel importante na afirmação das literaturas em língua vulgar. No período compreendido entre 1740 e 1800 a oferta editorial de romances passara de 2,6% do total das obras disponíveis para 10,4%, ou seja, em 60 anos ela havia quadruplicado. Na feira de páscoa de 1803, assinala Reinhard Wittman, o mercado editorial alemão disponibilizara 276 novos títulos do gênero, que abrangiam desde romances de cavalaria a romances sentimentais, sendo a maior parte deles traduções da língua inglesa. (WITTMANN, op. cit, p. 154)

Apesar de não haver um consenso dos estudiosos em torno de um perfil exato do leitor de romances desse período, supõe-se que ele tenha seduzido um sem número de pessoas das mais diferentes origens sociais. Nos discursos de seus detratores, que demonstravam serem leitores extensivos do gênero, figuravam sobretudo jovens e mulheres. Considera-se, no entanto, que o romance tenha interessado também aos leitores que a literatura tradicional não atraía, inclusive os pertencentes às camadas inferiores cidadinas, como as criadas, em meio às quais *Pâmela*, romance de Richardson, fez enorme sucesso. A esse grupo, acredita-se, somavam-se também soldados e homens de negócios. (HUNTER, op. cit, p. 19)

A despeito das dificuldades de definição desse público, é certo que por sua leitura não exigir conhecimentos prévios oriundos de uma tratadística, o romance tornou-se acessível a uma quantidade

maior de pessoas, como o demonstra seu desempenho positivo no mercado editorial. Isso fez com que parecesse ainda mais perigoso aos olhos das instâncias responsáveis por legitimar e controlar a produção e interpretação de textos. (ABREU, 2003, p. 274)

Apesar das inúmeras críticas advindas das instâncias responsáveis por guardar o respeito à tradição literária e à moral, o gênero encontrou resistência entre parcelas da elite letrada e, evidentemente, entre os próprios autores de romances, que se empenharam em encontrar argumentos capazes de justificar sua validade e, quiçá, obter-lhe reconhecimento por parte das Belas Letras, uma vez que o público leitor mais amplo já lhe havia garantido larga aceitação.

A defesa se deu particularmente nos terrenos em que o romance sofria os mais duros ataques: o da moral e o da tradição beletrística. No primeiro caso, tratou-se de alegar que, ao contrário do que se afirmava, ele seria capaz de servir como guia de conduta para o leitor, promovendo ações virtuosas; no segundo caso, procurou-se aproximá-lo dos gêneros literários já aceitos, alegando haver entre eles semelhanças formais.

De nomes firmados no campo beletrístico europeu do setecentos partiram inflamadas defesas. Madame de Staël, conhecida pela difusão do romantismo alemão na Europa Ocidental, publicou em 1795 a obra *Essai sur les fictions*, em que se propunha “provar que os romances que tomavam a vida tal qual ela é, com fineza, eloquência, profundidade e moralidade, seriam os mais úteis de todos os gêneros de ficções (...)”<sup>2</sup>. Mesmo que no cerne de um século notadamente iluminista, Staël atribuía à razão e, por conseguinte, à filosofia, um

<sup>2</sup> (...) prouver que les romans qui prendaient la vie telle qu'elle est, avec finesse, éloquence, profondeur et moralité, seraient les plus utiles de tous les genres de fictions.(...), STAËL, Germaine de. *Essai sur les fiction suivi de l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*. Paris: Éditions Ramsay, 1979, p.27, 1. ed. 1795.

papel secundário na felicidade dos homens. Afirmava que embora a primeira glória coubesse àqueles que buscavam a verdade, ou seja, aos filósofos, os autores de ficção seriam os que mais trabalhavam utilmente pelo gênero humano:

O dom de emocionar é o grande poder das ficções; pode-se tornar sensíveis todas as verdades morais, colocando-as em ação. A virtude tem uma tal influência sobre a felicidade ou a infelicidade do homem, que se pode fazer depender dela a maior parte das situações da vida. Há filósofos austeros que condenam todas as emoções, e querem que o império da moral se exerça unicamente pela enunciação de seus deveres: mas nada é menos adaptado à natureza do homem em geral que uma tal opinião; é preciso animar a virtude para que ela combata com vantagem as paixões; é preciso fazer nascer uma espécie de exaltação, para encontrar o charme nos sacrifícios; é preciso enfim ornamentar a infelicidade para que ela seja preferível a todos os prestígios das seduções culpáveis, e as ficções tocantes que exercitam na alma todas as paixões generosas lhe criam o hábito por elas, e fazem com que tome sem perceber um engajamento com ela mesma, que ela teria vergonha de retratar se uma situação parecida se tornasse pessoal. Mas quanto mais o dom de comover tem poder real, mais importa expandir sua influência às paixões de todas as idades, aos deveres de todas as situações.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Le don d'émouvoir est la grande puissance des fictions; on peut rendre sensibles presque toutes les vérités morales, en les mettant en action. La vertu a une telle influence sur le bonheur ou le malheur de l'homme, qu'on peut faire dépendre d'elle la plupart des situations de la vie. Il y a des philosophes austères qui condamnent toutes les émotions, et veulent que l'empire de la morale s'exerce par le seul énoncé de ses devoirs: mais rien n'est moins adapté à la nature de l'homme en général qu'une telle opinion; il faut animer la vertu, pour qu'elle combatte avec avantage contre les passions; il faut faire naître une sorte d'exaltation, pour trouver du charme dans les sacrifices; il faut enfin parer le malheur, pour qu'on le préfère à tous les prestiges des séductions coupables; et les fictions touchantes qui exercent l'ame à toutes les passions généreuses lui en donnent l'habitude, et lui font prendre à son insu un engagement avec elle-même, qu'elle aurait honte de rétracter, si une situation semblable lui devenait personnelle. Mais plus le don d'émouvoir a de puissance réelle, plus il importe d'en étendre l'influence aux passions de tous les âges, aux devoirs de toutes les situations. STAËL, Germaine de. *Ibidem*, p. 45.

De um lado, Staël desarticulava a argumentação dos filósofos – de que o romance era um gênero inútil –, atribuindo-lhe a finalidade considerada nem um pouco frívola àquela época: infundia sobre os valores morais. De outro, dava resposta aos moralistas afirmando que ao imprimir ação aos conteúdos morais o gênero conseguia emocionar o leitor e, assim, levá-lo a praticar ações virtuosas, a despeito dos sacrifícios que estas lhe poderiam requerer.

Tais crenças anunciadas por Madame de Staël encontraram parceria em outro personagem importante do cenário europeu setecentista: Denis Diderot. Em elogio fúnebre escrito por ocasião da morte do romancista inglês Samuel Richardson, o filósofo francês praticamente punha abaixo os trabalhos desenvolvidos por seus colegas de ofício, que se ocupavam em escrever livros de máximas destinados a servir de guia de conduta para os leitores. Tal qual Staël, Diderot duvidava que esse tipo de texto tivesse alguma eficácia pedagógica. Se comparados aos romances, argumentava, ficavam em desvantagem pois se reduziam a um conjunto de normas abstratas, as quais cabia ao leitor aplicar:

Uma máxima é uma regra abstrata e geral de conduta cuja aplicação nos é legada. Ela não imprime, por si mesma, nenhuma imagem sensível em nosso espírito: mas aquele que atua, nós o vemos colocamo-nos em seu lugar ou ao seu lado, apaixonamo-nos por ele ou contra ele, unimo-nos a seu papel, se ele é virtuoso, afastamo-nos dele com indignação, se ele é injusto e vicioso.<sup>4</sup>

Em lugar de oferecer tão somente um conjunto de regras de conduta, considerava Diderot, o romance apresentava os valores

<sup>4</sup> Une maxime est une règle abstraite et générale de conduite dont on nous laisse l'application à faire. Elle n'imprime par elle-même aucune image sensible de notre esprit: mais celui qui agit, on le voit, on se met à sa place ou à ses côtés, se passionne pour ou contre lui; on s'unit à son rôle, s'il est vertueux; on s'en écarte avec indignation, s'il est injuste et vicieux. DIDEROT. « Éloge de Richardson ». In: *Oeuvres Esthétiques*. Paris: Éditions Garnier, 1968, p. 29-30. A edição original foi publicada no *Journal Étranger* em janeiro de 1762.

morais em ação, fazendo com que se encarnassem nos personagens e fossem envolvidos em uma trama, acabando, assim, por emocionar o leitor. Por meio desse estratagema, concluía, levava-o a identificar-se com os personagens virtuosos e a desejar agir como eles. Contribuía para esse processo o fato de o leitor encontrar no romance uma realidade de ordem semelhante àquela existente em seu cotidiano. Comentando a obra de Richardson, Diderot observava: “o mundo onde vivemos é o lugar da cena; o fundo de seu drama é verdadeiro, seus personagens têm toda a realidade possível”<sup>5</sup>. A individualização dos personagens parecia-lhe admirável, permitindo estabelecer uma correspondência entre o universo do romance e o do leitor e, a partir dela, fazer da leitura fonte de experiência. Assim, Diderot observava que muito embora as obras do romancista inglês tivessem um grande número deles, em momento algum seria possível confundi-los, pois cada um possuía idéias e formas de expressão muito particulares, variáveis segundo as circunstâncias, os interesses e as paixões que os moviam. Por essa razão, após tomar contato com tais personagens seria inevitável deixar de “reconhecê-los” nas ruas e de procurar afastar-se das pessoas que se assemelhariam àqueles que teriam porventura causado aversão:

Eu fiz uma imagem das personagens que o autor pôs em cena; suas fisionomias estão lá: eu os reconheço nas ruas, nos lugares públicos, nas casas; elas me inspiram simpatia ou aversão. Uma das grandes vantagens de seu trabalho é que, tendo abraçado um campo imenso, subsiste sempre sob meus olhos alguma parte de seu quadro. É raro que eu tenha encontrado seis pessoas reunidas, sem lhes aplicar alguns de seus nomes. Ele me aproxima das pessoas honestas, ele me afasta dos viciosos; ele me ensinou a reconhecê-las com seus sinais imediatos e delicados. Ele me guia às vezes, sem que eu me aperceba.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Le monde où nous vivons est le lieu de la scène; le fond de son drame est vrai; ses personnages ont toute la réalité possible. DIDEROT, *Ibidem*, p. 30-31.

<sup>6</sup> Je me suis fait une image des personnages que l’auteur a mis en scène; leurs physionomies sont là: je les reconnais dans les rues, dans les places publiques,

Segundo Diderot, o romance permitiria que o leitor reconhecesse, na realidade concreta, as paixões que movem os homens, encarnadas nos personagens.<sup>7</sup> Entretanto, ele seria estéril caso seus efeitos se reduzissem a isso. Além de apresentá-las ao leitor, possibilitando a ele discerni-las, seria necessário fazê-lo amar a virtude e repudiar o vício. É essa disposição moral que o romance, ao contrário dos livros de máximas, seriam capazes de criar: “A quem o caráter de um Lovelace, de um Tomlinson, não fez estremecer?”, observa Diderot, “quem é que não disse a si mesmo, no fundo do seu coração, que deveria evitar a sociedade ou se refugiar no fundo das florestas, se existisse um certo número de homens de uma dissimulação semelhante?”<sup>8</sup> Em suma, quem seria capaz de manter-se indiferente ao caráter e ações dos personagens? Quem, após tomar contato com aqueles cujo comportamento seria moralmente reprovável, não temeria encontrar pessoa semelhante em sua vida? No decorrer da leitura, enfatiza Diderot, somos tomados pelas emoções – temor, compaixão etc-, que nos conduzem, necessariamente, à identificação com os personagens virtuosos e à ojeriza por aqueles cujas condutas consideramos imorais. De onde se conclui que, para o filósofo, a emoção constituía força matriz da qual o romance era capaz de extrair, em última instância, sua eficácia pedagógico moral.

---

dans les maisons; elles m’inspirent du penchant ou de l’aversion. Un des avantages de sont travail, c’est qu’ayant embrassé un champ immense, il subsiste sans cesse sous mes yeux quelque portion de son tableau. Il est rare que j’aie trouvé six personnes rassemblées, sans leur attacher quelque-uns de ses noms. Il m’adresse aux honnêtes gens, il m’écarte des méchants; il m’a appris à les reconnaître à des signes prompts et délicats. Il me guide quelquefois, sans que je m’en aperçoive. DIDEROT, *Ibidem*, p. 38.

<sup>7</sup> (...)les éclats des passions ont souvent frappé vos oreilles; mais vous êtes bien loin de connaître tout ce qu’il y a de [secret] dans leurs accents et dans leurs expressions. DIDEROT, *ibidem*, p. 35.

<sup>8</sup> Qui est-ce que le caractère d’un Lovelace, d’un Tomlinson, n’a pas fait frémir? (...)Qui est-ce qui ne s’est pas dit au fond de son coeur qu’il faudrait fuir de la société ou se réfugier au fond des forêts, s’il y avait un certain nombre d’hommes d’une pareille dissimulation? DIDEROT, *Ibidem*, p. 30

Toda a argumentação de Staël, assim como a de Diderot, semelhantes em inúmeros aspectos, contribuiu, evidentemente, para legitimar a existência do romance moderno, que teve como precursores Samuel Richardson, Henry Fielding e Daniel Defoe. No entanto, se a alegação da eficácia pedagógico-moral do gênero permitiu fazer frente tanto ao discurso daqueles que viam sua leitura como uma verdadeira ameaça à sociedade, quanto dos que a compreendiam como uma perda de tempo, o mesmo não se pode dizer a respeito dos que lhe negavam uma dignidade de natureza estética. Ao garantirem a identificação do leitor com a virtude e a aplicação dos ensinamentos morais na vida concreta, os defensores do gênero davam resposta aos moralistas e aos filósofos que a ele se opunham; porém, não respondiam ao beletristas, que reclamavam sua falta de *pedigree*.

Forma literária inovadora, não prescrita pelos manuais de retórica e poética que haviam atravessado os séculos, o romance não possuía uma tratadística que permitisse sua análise e valoração, como acontecia com os gêneros épico, lírico e dramático. Daí a franca oposição que encontrava em certos setores das Belas Letras, que atribuíam à leitura desses gêneros tradicionais funções bem específicas como formar o estilo e adquirir erudição. Em nenhum desses casos a leitura de romances se enquadrava, sendo, por isso, associada a um passatempo divertido.

Por essa razão, os romancistas acharam necessário encontrar novos argumentos em seu favor, de preferência capazes de lhe dar a dignidade necessária à aceitação pelos homens de letras. Com essa intenção, Henri Fielding fez dos prefácios de seus livros verdadeiros instrumentos de elaboração teórica sobre o romance. Partindo da tradição literária clássica amplamente aceita, - Aristóteles, Homero e Longino -, alegou que em *Joseph Andrews*, teria procurado criar um “poema épico em prosa”, semelhante à epopéia antiga, muito embora desprovido de métrica. Conforme argumentava, ambos os gêneros teriam em comum o fato de apresentarem as mesmas partes

constitutivas - fábula, ação, personagens, sentimento e dicção – e procurarem ser “um espelho realista e uma reflexão crítica sobre a vida de seu tempo”. (VASCONCELLOS, 2002, p. 87) Tentando aproximar o romance de um gênero muito prestigiado pelas elite letradas européias, Fielding se esforçava por garantir-lhe certa dignidade literária, filiando-o à tradição clássica. Por meio dessa estratégia, pretendia tirar do romance a pecha de *parvenu* do universo das letras. (VASCONCELLOS, ibidem, p. 87-100)

A despeito de todos esses esforços para enobrecer o gênero conta-se que para justificar oficialmente o título de baronete que o rei da Inglaterra pretendia dar a Walter Scott, tiveram que apelar para os poemas compostos pelo romancista na adolescência, pois a glória advinda de sua produção ficcional não cabia bem à titulação recebida (CANDIDO, 1989, p. 73) Ainda que anedótico, esse episódio encontra ressonância na recepção crítica do gênero junto a instâncias consagradoras da literatura, como a instituição escolar. Na França por exemplo, o romance esteve ausente dos programas de ensino durante todo o século XIX, entrando somente em 1923, na forma de excertos. (JEY, 1998 )

## 2 VALIDADE DO ROMANCE NO BRASIL

Os debates acerca da validade do romance não se esgotaram no contexto europeu dos setecentos. Atravessaram o Atlântico juntamente com a prosa de ficção que, desde o período colonial começou a aportar no Brasil. Se a princípio as considerações sobre o gênero mantiveram-se restritas aos censores, responsáveis por julgar os pedidos de envio de obras à colônia portuguesa (ABREU, 2003 p. 114-137), que teve o funcionamento de tipografias proibido até 1808, na primeira metade do século XIX elas se tornaram públicas ganhando as páginas dos periódicos nacionais. Dizemos periódico porque até pelo menos a metade do século XIX o romance ainda não tinha prestígio suficiente para constar nas formas editoriais mais

respeitadas, como as Histórias da Literatura e antologias que compunham os currículos escolares. O processo de inserção do romance nas instituições de ensino brasileiras teve início somente na década de 60 do século XIX, momento a partir do qual passou a ser progressivamente incluído em obras e disciplinas escolares até ser compreendido como um modelo do vernáculo. Enquanto isso não aconteceu, foi mesmo nos jornais que se ensaiaram as primeiras considerações críticas sobre o romance. (AUGUSTI, 2006, p. 91-140)

Em termos gerais, pode-se dizer que até a primeira metade do século as detrações sofridas pelo gênero na Europa tiveram eco nos periódicos brasileiros, sobretudo quando se tratou de fazer referência a certa prosa de ficção que apresentava em seus enredos intrigas amorosas, as quais, se acreditava, ameaçavam as mulheres, oferecendo-lhes modelos de conduta considerados indesejáveis e tomando-lhes o tempo que poderia ser ocupado com conhecimentos e tarefas mais úteis. Uma das falas mais significativas nesse sentido partiu de Lopes Gama, redator de *O Carapuceiro*, periódico de caráter moralizador que circulou no Recife a partir de 1832. Em crônicas publicadas nesse jornal, o padre beneditino manifestava o incômodo que lhe causava o hábito de leitura de romances pelas mulheres, reproduzindo o que os moralistas europeus afirmavam sobre o gênero:

Em que se há de entreter esta santinha a noite inteira? Oh, essa é boa! E para que se compuseram as *Mil e uma noites*, os *Mil e um quartos de hora*, as *Adelaides*, o *Menino da selva*, as *Joaninhas*, e tantas novelas, cuja nomenclatura talvez exceda às bibliotecas do Vaticano e do Escorial? Em ler esses bons mestres de moral, na aquisição dessas idéias eróticas entretém-se a menina (muito proveitosamente) até meia-noite, hora da ceia, e daí para a cama. Em que se ocupa esta senhora toda a sua vida? Em nada. Pois não sabe coser, nem bordar, nem remendar? Nada disto: nunca tais grosserias lhe ensinaram. Saberá ao menos fazer torcida? É boa pergunta essa. Torcidas só fazem escravas, ou gente miserável. E sendo tão versada em novelas sentimentais, terá adquirido a habilidade de fazer charadas? Talvez que alguma mademoiselle Brumont lha tenha ensinado. (GAMA, 1996; 1ª ed. 1837, p. 197-198)

Essa perspectiva de viés moralista, que condenava o romance de maneira generalizada, não foi, no entanto, compartilhada pela crítica como um todo. Desde o aparecimento dos primeiros exemplares da prosa de ficção nacional na década de 20 do século XIX<sup>9</sup>, parcelas da crítica brasileira se ocuparam em estabelecer distinções no interior do próprio gênero, de modo a não condenar as possíveis contribuições que certo tipo de prosa de ficção pudesse trazer à literatura nacional. Nesse caso, as escolhas, orientadas pela leitura de exemplares estrangeiros, recaíram preferencialmente sobre as manifestações do gênero que se acreditava poderem auxiliar no projeto de construção da nacionalidade. Em textos de homens como Pereira da Silva e Dutra e Mello, representantes da primeira geração romântica, foram feitos inúmeros elogios à prosa de ficção de romancistas como Walter Scott, Fenimore Cooper, Alexandre Herculano, e René Chateaubriand.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Em levantamento sobre os romances publicados no Brasil ao longo do século XIX, Germana Maria de Araújo considera *Niterói: metamorfoses do Rio de Janeiro*, o primeiro romance nacional, publicado em 1822. Essa obra é seguida de *Statira e Zoroastes*, publicada em 1826. Conferir: SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. 2003. Tese (doutorado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2003.

<sup>10</sup> No contexto de construção identitária das nações da América, como era o caso do Brasil, os romances de Chateaubriand provavelmente foram interpretados como uma espécie de discurso legitimador do Novo Mundo pela velha Europa. Além de *Atala* se passar na América, de modo a fazê-la conhecer pelo continente europeu – desejo de muitos desses homens de letras –, nele o autor procurou estabelecer uma espécie de linha de continuidade entre sua obra e um dos gêneros de grande prestígio da Antiguidade Grega – o Épico –, ancorando-se nas regras tradicionais de organização do discurso. Do gênero épico o romancista emprestou o dispositivo de apresentação da parte narrativa do romance por meio de títulos conformes aos assuntos tratados e, da retórica, a divisão da obra em três partes – prólogo, narração e epílogo – que tinham seus correlatos nas prescrições dos tratados de eloquência, os quais dividiam o discurso em Exórdio, Narração e Peroração. No prefácio de *Atala*, Chateaubriand afirma: “J’ai donné à ce petite ouvrage les forme les plus antiques; il est divisé en prologue, récit et épilogue. Les principales parties du récit prennent une dénomination, comme les chausseurs, les laboureurs, etc;

Em artigo denominado “Os romances modernos e sua influência”, publicado em 1837 no *Jornal de Debates*, Pereira da Silva declarava seu encantamento pelos romances de Walter Scott que, a seu ver, havia criado “certos tipos de bello ideal” e lamentava o fato de as mulheres brasileiras não terem “ainda lido os romances desse Homero escocês, porque ainda não se traduziram na língua portuguesa, aliás tão cheia de maus romances e de péssimas novelas”. (PEREIRA DA SILVA, p. 1837)

A preferência pelo romance histórico, ao contrário da prosa sentimental e folhetinesca, devia-se, provavelmente, a duas razões: de um lado, uma maior facilidade de aproximá-lo de gêneros consagrados como a Epopéia e a História, os quais tinham seu lugar garantido entre as Belas Letras; e de outro, o desejo de que o romance nacional se comprometesse com temas considerados elevados, como os que diziam respeito à história da nação. Por certo os críticos brasileiros apoiavam-se em discussões européias sobre o assunto, uma vez que no velho continente defendia-se o engajamento dos romancistas com questões relativas aos interesses nacionais. Em artigo publicado em julho de 1823 no periódico *La Muse Française*, Victor Hugo considerava que não era em mesquinhas intrigas e impróprias aventuras que Walter Scott empregava seu talento. Em seus “romances épicos”, observava, o romancista escocês aliava a minuciosa exatidão

---

et c'était ainsi que dans les premiers siècle de la Grèce, les Rhapsodes chantaient, sous diverses titres, les fragments de l'Iliade et de l'Odyssee. Je ne disimule point que j'ai cherché l'extrême simplicité de fond et de style, la partie descriptive exceptée; encore est-il vrai, que dans la description même, il est une manière d'être à la fois pompeux et simple. Dire ce que j'ai tente, n'est pas dire ce que j'ai fait. Depuis longtemps je ne lis plus qu'Homère et la Bible; heureux si l'on s'en aperçoit, et si j'ai fondu dans les teintes du désert, et dans les sentiments particuliers à mon coeur, les couleurs de ces deux grands et éternels modèles du beau et du vrai”. Conferir: François-René de CHATEAUBRIAND. Preface (Atala, 1801). In: COULET, Henri. (dir.) *Idées sur le roman: texts critiques sur le roman français XII<sup>e</sup> – XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Larrousse: 1992, p. 230.

das crônicas à grandeza da História, cumprindo seus deveres para com a nação:

Poucos escritores cumpriram como Walter Scott os deveres do romancista relativamente a sua arte e seu século, pois seria um erro quase culpável nos homens de letras se acreditarem acima do interesse geral e das necessidades nacionais, isentando seu espírito de toda ação sobre os contemporâneos e isolando sua vida egoísta da grande vida do corpo social. (HUGO, 1834 apud COULET, 1992, p. 244)

A expectativa de certos setores da crítica brasileira em relação à prosa de ficção nacional alinhava-se, pois, ao propósito que Victor Hugo atribuía aos romancistas. Nessas primeiras décadas pós-independência, em que parcelas da elite letrada estavam envolvidas com a elaboração de um discurso histórico sobre a nação, o romance foi, provavelmente, compreendido como um possível veículo de vulgarização dessa história e do sentimento de pertença à nação para além desse grupo restrito, em virtude do caráter popular que se lhe atribuía. No entanto, até pelo menos a década de 40 tinha-se a impressão de que o romance histórico ainda não encontrara voga nos exemplares nacionais do gênero, fato este que levava certos críticos a se lamentarem:

Entre nós começa o romance apenas a despontar: temos tidos esboços, ténues ensaios ligeiros que já muito promettem; mas ainda ninguém manejou, que o saibamos, o romance histórico e o romance filosófico; [...] E contudo o romance histórico pode achar voga entre nós; tem uma actualidade que não deve desprezar. As investigações históricas a que deve proceder quiçá trarão luz sobre alguns pontos obscuros que homens devotados à história do país buscam hoje elucidar; pode tornar-se de envolta moralizador e poético se bem cair no preceito – Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci. (DUTRA E MELLO, 1844, p. 106-107)

Ao contrário do que afirmava Dutra e Mello na crítica acima já haviam sido feitas algumas tentativas no domínio do romance

histórico, como *O Aniversário de Dom Miguel* em 1828, e *Jerônimo Corte Real: Chronica Portuguesa do Século XVI*, ambos escritos por Pereira da Silva e publicados em 1839 e 1840, respectivamente. No entanto, tais narrativas não se ambientavam no Brasil, mas sim em Portugal. Tendo em vista que a intenção do romance histórico consistia em abordar a marcha geral das sociedades e das nações a partir da atuação de heróis nacionais, pode-se compreender porque a prosa de ficção de viés histórico produzida até então foi desconsiderada pelo crítico. Comprometida com a exaltação de personagens portugueses ilustres, não servia, por certo, aos propósitos que se imaginava serem adequados ao romance brasileiro. Por outro lado, a impressão de que o Brasil não possuía um passado histórico tal qual o de certas nações européias parece ter gerado, entre alguns dos que se iniciavam no gênero, a crença segundo a qual não era possível ambientar aqui esse tipo de romance<sup>11</sup>. Imbuído dessa crença, Paula Brito alegava, no prefácio de *O Enfeitado*, que esse fato o levava a compor um enredo contemporâneo:

(...) custará a crer, que nos apresentemos ao público com tão singelas narrações, mas nós, cuja vida é de ontem, cuja história é toda contemporânea, cujos anais ainda não estão escondidos no pó dos velhos cartapácios no fundo das bibliotecas, contamos só com o que vemos e ouvimos, emprestando-lhes apenas alguns vestidos. (BRITO, 1839 apud SÜSSEKIND, 1990, p. 174-175)

<sup>11</sup> Segundo observa Jean Marie Bonnet, o problema do material americano como assunto romanesco preocupou também Fenimore Cooper: “Il pose le problème du materiaux américain comme sujet romanesque et montre bien la difficulté inhérente au romancier américain: prive de sources historiques, de légendes, de folklore, il doit cependant créer une oeuvre de fiction. (...) Cooper répondra em partie à cette question em utilisant les hauts faits de l’Independence, la personnalité de Washington – et il ne será pas le seul -, et les indiens”. BONNET, Jean Marie. *La critique littéraire aux États-Unis: de l’Independence politique à l’Independence littéraire (1783-1837)* Lyon: Presses Universitaires de Lyon, s.d., p. 149.

Por conseqüência, a crítica literária brasileira teve que lidar com uma prosa ficcional que se desenvolveu sobretudo em torno de enredos sentimentais, ao que parece, bem ao gosto do leitor, conforme o comprova o sucesso dos romances de Joaquim Manoel de Macedo, que os ambientou na corte, privilegiando enredos em que jovens tinham sua virtude ameaçada pelo ambiente mundano<sup>12</sup>.

Em relação à prosa ficcional que se desenvolveu nesse sentido, o discurso crítico publicado na imprensa periódica não se mostrou indiferente. Em suas avaliações sobre o gênero, atentou particularmente para o decoro moral da narrativa, que foi erigido à condição de regra de ouro a ser respeitada pelos romancistas. Em comentário sobre o romance *Vicentina*, Joaquim Norberto enfatizava a finalidade moralizadora do gênero, bem como seu destino supostamente popular:

O romance é d’origem moderna; veio substituir as novellas e as histórias, que tanto delectavam nosso paes. É uma leitura agradável, e diríamos quase um alimento de fácil digestão proporcionado a estômagos fracos. Por seu intermédio pode-se moralizar e instruir o povo fazendo-lhe chegar ao conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escapariam a sua compreensão. (SOUSA E SILVA, 1855, p. 17)

<sup>12</sup> O sucesso dos romances de Joaquim Manoel de Macedo pode ser avaliado pela quantidade de edições que receberam ao longo do século XIX, bem como pelas adaptações musicais e teatrais feitas a partir de *A Moreninha*. No período compreendido entre 1844 e 1845, o *Jornal do Comércio* publicou anúncios de valsas para piano compostas tendo por inspiração o romance (1 de março de 1844); de representações teatrais (7 de dezembro de 1848); bem como de venda de edições ornadas “com finas estampas e letra de música” (20 de dezembro de 1848), entre outros. Sobre as diversas edições dos romances de Macedo, conferir: AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os Dois Amores*. 1998. (Dissertação de Mestrado) Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 1998.



Em última análise, a aceitação do gênero se dava em virtude da moralidade, a qual justificava sua relevância para um público considerado indolente ou mesmo incompetente para entender literatura séria. Como a prática de leitura de romances não requeria o conhecimento das artes retóricas e poéticas foi associada a uma atividade amena e relaxante que não demandava qualquer esforço ou reflexão por parte do leitor. (ABREU, 2003) Imaginando leitores desprovidos de instrução e desejando incutir-lhes conteúdos que interessavam à construção da nacionalidade, a crítica literária teve que esperar algum tempo para ver suas expectativas realizadas. Enquanto isso, contentou-se com possibilidade de o leitor encontrar nos exemplares do gênero modelos de conduta considerados edificantes.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia Azevedo de. *Os caminhos dos livros*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, ALB; São Paulo: FAPESP, 2003.
- AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os Dois Amores*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 1998.
- AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. 2006. Tese (Doutorado) – Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2006.
- BONNET, Jean Marie. *La critique littéraire aux États-Unis: de l'Indépendance politique à l'indépendance littéraire (1783-1837)* Lyon: Presses Universitaires de Lyon, s.d.
- BRITO, Paula. “O enfeitado”. Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 28 maio 1839. In: SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. “O Patriarca”, IN: *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHATEAUBRIAND, François-René de. “Preface” (Atala, 1801). In: COULET, Henri. (dir.) *Idées sur le roman: texts critiques sur le roman français XII<sup>e</sup> – XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Larrouse: 1992.

- DIDEROT. « Éloge de Richardson ». In: *Oeuvres Esthétiques*. Paris: Édition Garnier, 1968, p. 41-42. A edição original foi publicada no *Journal Étrange* em janeiro de 1762.
- DUTRA E MELLO. “A Moreninha”. *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 24, p. 746-751, 1844.
- GAMA, Lopes. “O Vadiismo”. *O Carapuceiro*, Recife, 17 jun. 1837. In: ( *Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Cabral de Mello, Evaldo (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HUGO, Victor. “Sur Walter Scott” (1834) In: COULET, Henri. COULET Henri. (dir.) *Idées sur le roman: texts critiques sur le roman français XII<sup>e</sup> – XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Larrouse, 1992.
- JEY, Martine. *La littérature au lycée: Invention d'une discipline (1880-1925)*. Metz: Université de Metz, 1998.
- SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. 2003. Tese (Doutorado) – Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2003.
- SILVA, Pereira da. “Os romances modernos e sua influência”. *Jornal a Debates*, Rio de Janeiro, 23 set. 1837. In: SOARES, Marcus Vinício Nogueira. “Um texto esquecido: Pereira da Silva e a gênese do romance brasileiro”. *Matraga: revista do programa de pós-graduação em Letras/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 15, p. 45, 2003.
- SOUSA E SILVA, Joaquim Norberto de. “Vicentina, romance do Sr. D. J. M. de Macedo”. *Guanabara*. Rio de Janeiro, Tomo III, n. 1, mar. 1855.
- STAËL, Germaine de. *Essai sur les fiction suivi de l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*. Paris: Éditions Ramsay, 1979, p. 27. A primeira edição é de 1795.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. “Ensaio teórico: os capítulos introdutórios de Henri Fielding”. In: *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WITTMANN, Reinhard. “Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII?” IN: CAVALLO, Guglielm; CHARTIER, Roger (orgs), *História da leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 1999. vol. 1.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA MOARA

A Revista MOARA aceita artigos originais para publicação e devem ser encaminhados ao editor responsável pelo número a ser organizado. Os textos serão submetidos ao Conselho Editorial da revista, que se reserva o direito de sugerir ao autor modificações de forma e/ou de conteúdo. Seguem abaixo as normas para publicação.

1. Redigir o texto em português, inglês, francês ou espanhol.
2. Utilizar margens de 3 cm. à esquerda, 2 cm. à direita, 3 cm. na margem superior e 2 cm. na margem inferior em formato de papel A4.
3. O texto digitado deve ter entre 4 mil e 8 mil palavras, incluindo os anexos.
4. Digitar o texto em Word for Windows (edição 6.0 ou superior), fonte Garamond, corpo 12, espaçamento simples entre linhas e parágrafos, em modo justificado.
5. Entre partes do texto e entre texto e exemplos, citações, tabelas, ilustrações etc, utilizar espaço duplo. Para fazer isso, basta redigi-los na segunda linha após o parágrafo anterior.
6. Para texto citado com mais de três linhas, adentrar o texto em 2 cm. e utilizar fonte Garamond, corpo 10.
7. (L)Para texto citado com menos de três linhas, usar aspas no próprio corpo do texto.
8. Para notas de rodapé, usar fonte Garamond, corpo 10.
9. Utilizar paragrafação automática.
10. Apresentar o texto na seguinte seqüência: título do artigo, nome(s) do(s) autor(es), resumo na língua do artigo e em alemão, francês, espanhol ou inglês, palavras-chave em português e na outra língua do resumo apresentado, texto, referências e anexos.

11. Digitar o título do artigo centralizado na primeira linha da primeira página com fonte Garamond, tamanho 12, em formato negrito, todas as letras maiúsculas.
12. Os resumos devem ser antecidos pela expressão RESUMO em maiúsculas, seguida de dois pontos, na terceira linha abaixo do nome do autor e sem adentramento. O texto dos resumos segue na mesma linha e deve ficar entre 100 e 150 palavras. Digitá-lo em fonte Garamond, corpo 11.
13. As palavras-chave devem ser antecidas pela expressão PALAVRAS-CHAVE em maiúsculas, seguida de dois pontos, na segunda linha abaixo do resumo e duas linhas acima do início do texto. Utilizar entre três e cinco palavras-chave com fonte Garamond, tamanho 11, separadas por ponto e vírgula.
14. Digitar os títulos de seções com fonte Garamond, tamanho 12, em negrito. O título da introdução deve ser redigido na terceira linha após as palavras-chave. Os demais títulos, duas linhas após o último parágrafo da seção anterior (pular linha). Os títulos de seções são numerados com algarismos arábicos seguidos de ponto (por exemplo, 1. Introdução, 2. Fundamentação teórica). Apenas a primeira letra de cada subtítulo deve ser grafada com caracteres maiúsculos, exceto nomes próprios.
15. Digitar a primeira linha de cada parágrafo de texto com adentramento.
16. As referências no texto devem ser indexadas pelo sistema autor data. Para citar, resumir ou parafrasear um trecho da página 36 de um texto de 2005 de Pedro da Silva, a indexação completa deve ser (SILVA, 2005, p. 36). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.
17. Citações no meio do texto sempre devem vir entre aspas e nunca em itálico. *Use itálico para indicar ênfase ou grafar termos estrangeiros.*
18. Exemplos de corpora analisados devem vir no padrão de citação.
19. Caso seja necessária transcrição fonética, o autor deve enviar a fonte utilizada juntamente com seu artigo, a fim de que a mesma possa ser instalada para editoração do artigo.
20. Notas devem ser digitadas em rodapé em seqüência numérica. Se houver nota no título, marcar com asterisco (\*). Não deve usar nota para citar referência.
21. Tabelas, quadros, ilustrações (desenhos, gráficos etc.) devem ser entregues prontos para a editoração eletrônica. Não admitem ilustrações xerocopiadas. Elas deverão ser devidamente escaneadas e inseridas no texto. Os títulos e figuras devem ser digitados com fonte Garamond, tamanho 12, em formato normal, centralizado. Tabelas, quadros e ilustrações devem ser identificados por legendas.
22. Os anexos devem ser entregues prontos para a editoração eletrônica. Para anexos que se constituem de textos publicados, o autor deve incluir referência bibliográfica completa.
23. As referências devem ser antecidas da expressão Referências em negrito. A primeira referência deve ser redigida na segunda linha abaixo dessa expressão. As referências devem seguir o padrão NBR 6023 da ABNT: os autores devem ser citados em ordem alfabética, sem numeração, sem espaço entre as referências sem adentramento; o principal sobrenome do autor em maiúsculas, seguido de vírgula e iniciais dos demais nomes do autor. Se houver outros autores devem ser separados uns dos outros por ponto e vírgula; título de livro, de revista e de artigo em itálico; título de artigo: letra normal, como a do texto; houver mais de uma obra do mesmo autor, seu nome deve ser substituído por um traço de cinco toques; mais de uma obra do mesmo autor no mesmo ano, use uma letra (a, b, c) após a data. Ordene referências de mesmo autor em ordem decrescente.

## Exemplos:

FERREIRA, M. *Morfossintaxe da Língua Parkatêjê*. Munique: Lincom-Europa, 2005.

FURTADO, M. T. A visão da Amazônia em Euclides da Cunha, Ferreira de Castro e Dalcídio Jurandir. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS – GELNE, 20., 2004, João Pessoa, *Anais...*João Pessoa, 2004. p.1869-1874.

MAGNO E SILVA, W. Estratégias de Aprendizagem de Línguas Estrangeiras – Um Caminho em Direção à Autonomia. *Intercâmbio*, São Paulo, v.15. 2006. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/silva\\_wpdf](http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/silva_wpdf)>. Acesso em: 5 set. 2007.

PESSOA, F. C. As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer contar as narrativas populares da Amazônia paraense. In: MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (orgs.). *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 139-157.

SALES, G. M. A. . Um público leitor em formação. *Moara*, Belém, n. 23, p. 23-42, jan./ jun. 2006.

A desconsideração das normas especificadas acima resultará na não aceitação do artigo submetido.

Última atualização em 10/9/2007.

REVISTA MOARA  
Curso de Mestrado e Letras  
Campus Universitário do Guamá  
Rua Augusto Corrêa, 1  
CEP 66075-900 - Belém - Pará  
Tel./Fax (91) 3201-7499  
[www3.ufpa.br/mletras](http://www3.ufpa.br/mletras)  
[mletras@ufpa.br](mailto:mletras@ufpa.br)